

Identities in work: identity processes in the international return migration to Brazil

Building Identities: Identity processes in the international return migration to Brazil

Isabela Bento dos Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
isabela.bento.santos@gmail.com

Regina de Paula Medeiros

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
repameca@pucminas.br

Palavras-chave: Migração internacional brasileira, retorno, identidade, interculturalidade.
Keywords: Brazilian international migration, return, identity, interculturality.

Introdução

O estudo das migrações internacionais desperta grande interesse de pesquisadores no campo das ciências sociais, particularmente na análise das dinâmicas e estratégias de adaptação, integração social e econômica do imigrante, apropriação, uso dos espaços sociais, físicos e inserção laboral na sociedade de destino, fatores esses que atuam de forma significativa e determinante na decisão de emigrar e no processo de imigração. Trata-se de um fenômeno intrincado dada a diversidade dos fluxos migratórios, motivando uma variedade de estudos que são, em geral, abordagens parciais de uma realidade que se mostra cada vez mais complexa e em constante mudança. Por essa razão, é fundamental analisar as migrações internacionais a partir de uma visão holística e multiprofissional contemplando diversas áreas do conhecimento (Durand, 2006).

Dentre o universo de pesquisas sobre a questão, nos interessa a migração internacional de retorno, descrita por Sayad (2000) como elemento constitutivo da condição do imigrante. O retorno é baseado em um processo social no qual estão em jogo o tempo, os espaços e os grupos, que estruturam a vida social e a existência individual do sujeito que regressa. Tal processo é ambíguo, já que pressupõe tanto o território deixado no país de destino como o espaço para onde regressa, ou seu país, sua nação. Ou seja, estão em pauta questões relacionadas à

pertença, à trajetória de vida e às relações. “Existir é existir no tempo, no espaço, e no interior de um grupo social [...]. Sempre está em causa um pertencimento nacional [...]. O pertencimento a cada um a seu tempo é um pertencimento à história nacional” (Sayad, 2000, p. 13). Partindo dessa percepção, alerta Botega et al. (2015, p. 39) que é necessário

desenvolver abordagens que extrapolem a perspectiva economicista e instrumentalista sobre o migrante em geral, e o migrante de retorno especificamente, permanece um desafio tanto para as pesquisas quanto para as iniciativas governamentais e de instituições não governamentais.

Os autores recomendam que deve ser enfatizada a modalidade da migração de retorno nos estudos científicos como também na definição de políticas migratórias, tendo em vista que esse fluxo “é uma nova migração para um local ainda mais desconhecido” (Botega et al., 2015, p. 39).

No contexto das migrações internacionais, nos quais os migrantes convivem com culturas diversas às suas, suas identidades sofrem reconstruções constantes, considerando novos elementos que devem ser negociados e incorporados de acordo com as novas experiências e os contatos interculturais. Diante destas situações, o sujeito migrante geralmente se situa entre a sociedade de origem (de onde emigrou) como na sociedade de destino (para onde imigrou), ou seja, tanto no que se refere aos espaços físicos, tempos, sociedades e modos de vida, que certamente apresentam traços culturais distintos (Sayad, 2000).

A proposta deste artigo é discutir os processos identitários que se fazem presentes nas trajetórias de migrantes brasileiros que retornam ao território nacional. Para alcançar este objetivo foi empregada metodologia qualitativa, com os procedimentos de pesquisa bibliográfica para apreender conceitos e teorias centrais deste artigo, análise documental de dados do IBGE referente ao último censo demográfico realizado no Brasil, em 2010, e entrevistas abertas em profundidade com migrantes brasileiros que regressaram de diferentes países: Estados Unidos, Espanha, Rússia, Chile, Holanda e Canadá. As informações obtidas foram examinadas à luz da análise de conteúdo.

Este texto é composto de uma apresentação e discussão dos dados estatísticos, especialmente sobre a situação da imigração internacional no Brasil a partir do último Censo do IBGE¹, realizado em 2010. Em seguida, são discutidos os principais aspectos conceituais e teóricos relacionados às migrações e identidade utilizados na pesquisa, com foco na migração de retorno e suas implicações para as pessoas que retornam e seus círculos sociais. Posteriormente, é apresentada a análise do material obtido por meio das narrativas dos retornados. Por fim, as considerações finais do estudo.

¹ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Situação da imigração internacional no Brasil após o Censo do IBGE de 2010

As décadas de 1980 e 1990 no Brasil foram marcadas pela emigração significativa de brasileiros, sobretudo para Estados Unidos, Japão e países europeus. Acontecimento que se deu principalmente devido a uma crise que levou a economia do país à estagnação, com paralisação de investimentos e altas taxas de desemprego (Oliveira, 2013). O autor argumenta que

nos anos 1980, no auge da crise econômica brasileira, o país assistiu a emergência da emigração internacional enquanto fenômeno demográfico e social revestido de alguma relevância, processo que se manteve com força na década seguinte, levando a estimativas que sugeriam até 4 milhões de brasileiros vivendo no exterior. (Oliveira, 2013, p. 197)

Nos anos 2000, o Censo Demográfico do IBGE, referente ao quinquênio 2005-2010, mostrou que a entrada de imigrantes internacionais no Brasil aumentou substancialmente – de 143.644 para 268.295, quase 87% a mais se comparado ao quinquênio 2000-2005 (Oliveira, 2013, p. 197).

Uma das razões foi que, diferentemente das décadas passadas, o Brasil no início dos anos 2000 apresentava uma estabilidade que favoreceu o desenvolvimento econômico sustentável do país. Além disso, a crise econômica de 2008, com o estouro da bolha imobiliária americana, afetou os países desenvolvidos e como consequência o sistema financeiro mundial (Oliveira, 2013), fatores que desencadearam transformações nos fluxos populacionais internacionais.

Com efeito, não apenas imigrantes estrangeiros vieram para o Brasil, como também brasileiros que viviam no exterior retornaram. Do ponto de vista conceitual, essas pessoas mesmo tendo nacionalidade brasileira são consideradas como imigrantes internacionais de retorno, ou seja, imigrantes em seu próprio país (Oliveira, 2013, p. 197).

Para análise da imigração internacional no Brasil, foram utilizados os resultados da amostra² do censo 2010, que revelou essa população específica de migrantes no território nacional. O critério utilizado foi a data-fixa, ou seja, indivíduos que residiam no Brasil quando o censo foi realizado (2010), mas que residiam em um país estrangeiro cinco anos antes (2005). O questionário da amostra contava com uma parte destinada a compreender o fenômeno migratório no Brasil, envolvendo tanto estrangeiros que se estabeleceram no país como brasileiros que foram para o exterior ou que de lá retornaram. Dos resultados apurados, nos interessa nesse artigo os dados que revelam tanto o contingente de retornados como o de imigrantes estrangeiros no Brasil, constantes na questão: “Em que unidade da federação (estado) e município ou país estrangeiro morava em 31 de julho de 2005?” (IBGE, 2010).

² Questionário da Amostra – aplicado em todas as unidades domiciliares selecionadas para a amostra. Além da investigação contida no Questionário Básico, abrange outras características do domicílio e pesquisa importantes informações sociais, econômicas e demográficas dos seus moradores (IBGE, 2010, p. 12).

Observamos que a pergunta faz referência ao período de cinco anos anterior à realização do Censo 2010 – data fixa. Ou seja, os brasileiros que participaram respondendo que moravam em outro país retornaram necessariamente entre 2005 e 2010, justamente o quinquênio em que o número de imigrantes entrando no Brasil se intensificou.

As opções de resposta oferecidas no questionário são: o estado e município ou o país estrangeiro em questão, por meio da qual pode ser obtida a informação sobre o país de destino em que viviam os brasileiros e sobre a origem dos imigrantes estrangeiros.

Dos estrangeiros que emigraram para o território brasileiro no período analisado (93.889 mil ou 35% do total de imigrantes internacionais que entraram no país), os fluxos mais significativos foram originários da Bolívia e Paraguai (Oliveira, 2013).

Já os brasileiros que retornaram representam 65,6% (ou 174.597 mil) do total de imigrantes internacionais que entraram no país. A maioria viveu nos Estados Unidos, Japão, Paraguai e Portugal (Botega et al., 2015). Grande percentual de imigrantes internacionais que entraram no país teve a região sudeste como destino (43,2%), destacando grande fluxo de brasileiros retornados para São Paulo e Minas Gerais. Destacamos que eles se concentravam nas faixas etárias de 25 a 39 anos (42,8%) e 40 a 64 anos (26,6%), e em relação ao nível de escolaridade, 31% possuía nível médio completo e superior incompleto, 25,8% possuía superior completo e 29,8%, sem escolaridade e fundamental incompleto (Botega et al., 2015).

Considerando esses dados, observamos que no período analisado a entrada de imigrantes internacionais brasileiros que retornaram à terra natal foi consideravelmente superior à entrada de estrangeiros, o que justifica a importância de ter este fenômeno como um objeto de estudo não apenas em seus aspectos objetivos, mas também subjetivos, no caso sobre a construção de identidades em contextos migratórios, que necessariamente envolvem desafios, conflitos, dificuldades e superações, além das políticas direcionadas a essa população particular.

Notas conceituais e teóricas acerca das migrações internacionais, identidades e a eventualidade do retorno

Para entender o processo social aqui analisado, tomamos como referência autores que discutem, sobretudo na perspectiva internacional, os temas migração, identidades e retorno. Almeida & Baeninger (2013) argumentam que apesar de ser muito questionável, é comum se referir à migração como uma mudança definitiva de residência. No caso de envolver o cruzamento de fronteiras nacionais, esse deslocamento é caracterizado como migração internacional. Por outro lado, as autoras criticam que analisar a migração apenas do ponto de vista de residência definitiva seria negligenciar a heterogeneidade dos percursos dos migrantes, a diversidade e a complexidade dos deslocamentos.

Começando com o próprio conceito de migração, defini-lo como mudança definitiva de residência é demasiadamente restritivo, dada a dificuldade em se classificar os deslocamentos como temporário ou definitivo; as trajetórias migratórias e as durações dos deslocamentos estão muito mais matizadas. Além

disso, a própria definição de residência pode ser problematizada, dado que o lugar de residência de um indivíduo depende de sua percepção subjetiva, do sentimento de pertencimento e de apropriação espacial, e nem sempre o “seu” lugar de residência coincide com o espaço geográfico no qual ele vive. (Almeida & Baeninger, 2013, p. 28)

O reconhecimento das diferentes formas de mobilidades e deslocamentos, dos tipos de migrantes e de como eles traçam seus percursos é fundamental, bem como é a compreensão dos conceitos e teorias utilizados para o entendimento da migração de retorno, como explicam as autoras:

assumindo esta perspectiva, a investigação demanda uma reflexão sobre o que é migração e quem é o migrante na sociedade de acolhimento, contemplando nesta abordagem a diversidade das modalidades de migração e de circulação no fluxo pesquisado. (Almeida & Baeninger, 2013, p. 33)

Na perspectiva de Sayad, a imigração é um deslocamento de pessoas no espaço físico (Sayad, 1998). Todavia, esse espaço, além de físico, é “qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas relações culturais que são a língua e a religião)” (Sayad, 1998, p. 15). Para o autor, a imigração é revestida de alteridade e de uma dupla contradição, especificamente em relação ao seu período de duração, que oscila entre um estado provisório que pode se prolongar indefinidamente, ou então, um estado duradouro caracterizado por um sentimento de provisoriedade.

Considerando essa alteridade e contradição das migrações, é evidente que existe a dimensão do retorno, que pode ou não ser concretizado. O desejo de retornar é, em geral, marcado por uma nostalgia em relação à terra natal, aos laços construídos e ao sentimento de ausência que é resultante da experiência do migrante. Analisar o retorno como uma operação impossível, conforme destaca Sayad (2000), diz respeito à condição de regressar ao mesmo espaço social deixado no momento em que ocorreu a emigração; por essa razão o fenômeno pode representar conflitos. O autor ilustra a questão nesta passagem:

Eles são os grãos de areia [...] arrancados à rocha mãe (i.e.: a sua sociedade, a suas comunidades de origem) pela ação de um vento [...] e que transplantados para longe [...] acabaram constituindo essa imensa “duna” em que hoje se transformaram os imigrantes. [...] Eles também estão descobrindo que, afinal, a tempestade inicial que os levara e o elemento que os manteve em sua louca corrida eram uma só e única coisa: a economia capitalista e seus efeitos de transferência de um campo econômico [...] para outro [...], de um país para outro, de um continente para outro, de uma civilização para outra. Será preciso que essa tormenta ainda dure e que hoje levante ou retome os imigrantes para voltar a transportá-los para seu ponto de partida, sem poder contudo colá-los de volta a “rocha” de origem, que alias, já não existe? (Sayad, 1998, p. 72)

Extraímos da metáfora a ideia de que a migração internacional produz transformações na vida dos imigrantes, ao mesmo tempo em que sua sociedade de origem também passa por modificações diversas, durante sua ausência. Por essa razão, ao retornar, o autor faz referência à “rocha de origem que já não existe”.

São muitos os fatores que desencadeiam os fluxos migratórios, dentre eles a busca de benefícios econômicos em que certamente está inserida a questão do trabalho, o que comumente é observado nos estudos sobre os migrantes brasileiros que “se sujeitam a um rebaixamento de seu *status* social em prol da recompensa financeira imediata, [...] Assim, a imigração torna-se uma boa estratégia econômica” (Patarra, 2005, p. 27). Todavia, tais benefícios econômicos não se restringem no momento da imigração apenas ao trabalho propriamente dito, muito menos àquele trabalho caracterizado como subemprego, elucidado por Sayad (1998, p. 55) como o “trabalho que o ‘mercado de trabalho para imigrantes’ lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído”.

Em suas análises, Sassen (2010) aponta que apesar do histórico da contratação de imigrantes para trabalhos que não exigem qualificação, situados em setores menos avançados e mal-remunerados, há uma nova tendência observada em sociedades pós-industriais e em economias avançadas, que estão demandando cada vez mais trabalhadores – migrantes – qualificados.

Além do fator trabalho, consideramos que migração internacional também é motivada pela busca de qualificação educacional e profissional, que geralmente apresenta caráter temporário. Trata-se de deslocamentos com objetivo de busca de cursos, como idiomas, graduação, pós-graduação, dentre outros, e em nossa pesquisa priorizamos aqueles com permanência no exterior de no mínimo um ano.

A médio e a longo prazo, essas qualificações e capacitações podem ser responsáveis por consequentes benefícios econômicos no exercício de funções laborais, tanto no país de destino, como no Brasil, no caso do retorno. Ainda, a busca por qualificação é um reflexo das demandas e necessidades do mercado de trabalho o que justifica ser o trabalho um fator importante a ser discutido no contexto da migração internacional.

Tomando como referência o conceito de migrante, elaborado pela Organização Internacional para as Migrações – OIM (2011), o indivíduo que residiu em um país estrangeiro por mais de um ano, independentemente das causas, voluntária ou involuntariamente, e dos meios, regular ou irregular, utilizados para migrar é reconhecido migrante. As razões para migrar variam entre os refugiados (deslocamentos forçados), os de migrantes econômicos e a reunificação familiar (migrações voluntárias), dentre outros. Aqueles que se deslocam por curtos períodos (turistas, executivos, entre outros) não são considerados migrantes.

É considerado migrante internacional de retorno aquele que, tendo vivido por um período no exterior, retorna ao país de origem, com objetivo – ao menos inicial – de novamente lá se estabelecer. Existe uma expectativa positiva por parte de organizações existentes no país de origem sobre tal migrante, devido ao provável capital social e humano, habilidades e experiências que ele pode trazer consigo e que representam potencial de desenvolvimento para si mesmo e para o país de origem (Castles, 2000 & Organização das Nações Unidas, 2016).

No que se refere à motivação para regressar, Gmelch (1980, p. 138) explica que os migrantes temporários, por exemplo, retornam à terra natal após terem conquistado seu objetivo que geralmente é juntar algum dinheiro. Os migrantes que tinham a expectativa de viver em outro país de modo permanente decidem, em geral, retornar por várias outras razões, inclusive por serem forçados a tal.

Dentre essas razões, incluem-se questões familiares, como o cuidado com parentes idosos, degradação das condições econômicas nos países de destino, problemas de adaptação e falta do ambiente familiar, etc, fatores esses que podem provocar danos psicológicos (Gmelch, 1980, p. 137). Para além de definições restritas de migração temporária e migração permanente, o autor afirma que muitos migrantes simplesmente não têm planos bem definidos e migram em caráter experimental. Entretanto, a decisão sobre permanecer no destino ou retornar à origem passa a depender das condições e oportunidades encontradas na sociedade de imigração (Gmelch, 1980, p. 138).

Considerando as trocas e interações sociais experimentadas nas migrações internacionais, a discussão sobre o conceito de identidade é fundamental. A identidade remete a um processo de vinculação de caráter consciente, baseado em oposições simbólicas (Cuche, 1999), que contribui para o auto reconhecimento do sujeito no sentido de reafirmá-la, reforçá-la ou negá-la. Duas correntes de pensamento sobre o conceito se sobressaem: a essencialista, que considera identidade como um “conjunto atributivo objetivo, natural, essencial, a-histórico; e a relacional-estratégica, que pensa a identidade como um processo negociado em permanente construção e reconstrução [...]” (Santos, 2010, p. 30). Tanto em uma visão como em outra a identidade é relacional, pois sua existência implica um cenário sociocultural no qual as pessoas estão inseridas e realizam suas práticas cotidianas.

De acordo com Cuche (1999, p. 182):

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.

Neste sentido, a alteridade é constante nos processos identitários, uma vez que a sua construção implica a relação dialética com o outro. Identificação e diferenciação ocorrem de maneira simultânea, inseparável e mutuamente determinada (Silva, 2014). Afirmar similitudes e marcar diferenças está relacionado a pertencimento e exclusão, ou seja, “a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem, e ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (Silva, 2014, p. 82). No caso específico das migrações, os processos de adaptação a novos modos de vida e contextos sociais e de separação e afastamento de um cotidiano familiar, com regras e normativas familiares, pode produzir comparações, conflitos e identidades plurais e contestadas, em decorrência das diferenças observadas (Woodward, 2014).

Desde essa percepção, destaca-se a identidade de caráter multidimensional, considerando a heterogeneidade dos grupos sociais. Cuche (1999) utiliza o termo “identidade sincrética” para se referir às identidades de sujeitos inseridos em contextos interculturais, nos quais “o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais” (Cuche, 1999, p. 193). Assim, podemos falar em escolhas estratégicas considerando a pluralidade de identidades que um sujeito pode assumir em suas relações sociais.

Neste sentido, o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2005) aponta para as transformações dos conceitos de identidade ao longo da história até chegar à identidade do sujeito pós-moderno, construída de forma flexível (identidade móvel) a partir de representações e dos sistemas culturais, ou seja, existe uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (Hall, 2005, p. 13).

Ao retornar ao seu país de origem, os imigrantes com suas múltiplas e flexíveis identidades encontram o desafio de reconstrução e negociação identitária, readaptação e reinserção social, etapas que podem ser conflitivas. Para ilustrar os conceitos discutidos, tomamos as narrativas de nossos interlocutores, que naturalmente evocam não apenas o retorno, mas toda a sua trajetória migratória.

Em diálogo com os imigrantes retornados

Por meio dos relatos obtidos em entrevistas com pessoas identificadas como migrante de retorno ao Brasil pudemos compreender e analisar as experiências, trajetórias de mobilidade diversas e, conseqüentemente, traçar o seu perfil. Priorizamos as narrativas e interpretações do migrante acerca de seu regresso ao Brasil, os significados atribuídos e as representações construídas sobre o processo de migração pelo qual passaram.

Os interlocutores foram selecionados através de redes informais de contatos, com indicação de amigos e pessoas que tomaram conhecimento da pesquisa por outros meios. Nossos entrevistados encontram-se na faixa etária de 28 a 54 anos, sexo feminino e masculino, emigraram voluntariamente para Estados Unidos, Espanha, Rússia, Chile, Holanda e Canadá, onde permaneceram entre 2 a 16 anos. Possuem diferentes níveis de escolaridade: desde ensino médio incompleto à pós-graduação.

Quando indagados sobre as motivações para sair do Brasil, encontramos o desejo de trabalhar e fazer uma poupança para retornar ao Brasil, ambição, curiosidade, desejo de experimentar viver no exterior, aprender e/ou aprimorar outro idioma, realizar cursos diversos e reagrupamento familiar. É importante assinalar que em alguns casos mais de uma motivação foi explicitada.

Ao relatar sobre a sua vida no período anterior à emigração, alguns interlocutores explicaram que seus projetos de migrar eram temporários (para a conquista de um objetivo específico), outros permanentes (tinham o intuito de permanecer no país estrangeiro em definitivo) e ainda outros que não tinham definido temporalidade (emigraram sem um projeto estabelecido). Foi possível perceber que nem todos tinham situação jurídica regular (devidamente documentados); alguns viviam em condição irregular (indocumentados).

No que tange a ocupação no país de destino, observamos que esta varia de acordo com a formação, escolaridade, situação jurídica, entre outros fatores. Por exemplo, alguns trabalharam no setor de limpeza em residências (diarista), como manicure, na construção civil (pedreiros e pintores), em restaurantes (garçons/garçonetes, ajudante de cozinha e recepção), em locadora de veículos (atendimento ao cliente), no setor público (assistente em tribunal de justiça e professor no sistema de ensino público); em universidades (professor universitário); na tecnologia (técnico de manufatura), entre outros. Em seus relatos, os entrevistados

declararam que as ocupações podiam variar por dificuldade de encontrar trabalho e por período de maior ou menor absorção de mão de obra em determinados setores, ou seja, as ocupações não eram definitivas e nem tão pouco únicas. Ainda, a situação jurídica foi determinante nos tipos de trabalho desempenhados, dado que o status indocumentado de alguns restringiu as possibilidades de ocupação no país de destino.

Dos atores que participaram da pesquisa, todos emigraram do estado de Minas Gerais e regressaram diretamente ao mesmo estado, com uma exceção. Dentre eles, os retornos aconteceram de maneira voluntária e somente uma entrevistada relata que foi deportada. Nas narrativas, percebemos que as razões para o retorno foram especialmente problemas financeiros, mudanças no campo pessoal que alteraram seu projeto (como o nascimento de filho), alcance dos objetivos que tinham no exterior, saudades do Brasil, da família e necessidade de cuidar de parentes idosos, relacionamentos afetivos, fazer curso universitário no Brasil (nos casos em que condição de indocumentado(a) não permitia ou dificultava acesso à escolaridade formal no exterior, bem como dificultava a ascensão profissional) e participar de concurso ou cargo público no Brasil.

De regresso ao Brasil, nossos entrevistados atualmente exercem as profissões de servidor público, professor de inglês, vendedor, analista de logística, advogado e motoboy, com a exceção de uma entrevistada que se encontra desempregada. Alguns voltaram a trabalhar nas mesmas profissões que tinham antes de emigrar, enquanto outros se inseriram em áreas distintas, principalmente devido à experiência migratória que despertou novos interesses e possibilitou qualificação educacional e profissional, contribuindo para a construção do capital humano e social.

Para análise do processo de migração internacional, a partir das narrativas dos atores sociais, enfatizamos três momentos principais em suas trajetórias: o momento anterior à emigração, as experiências no país de destino e o retorno, este envolvendo os fatores que culminaram no regresso às origens, a preparação para voltar e o suporte emocional e material geralmente recebido por pessoas de seus círculos sociais. Compreendendo cada uma dessas fases, foi possível perceber e analisar as dinâmicas que envolvem a construção e negociação de identidades no contexto da migração internacional de retorno. No processo de migração internacional são mais perceptíveis as questões que envolvem as identidades, pois as diferenças, as semelhanças, o novo e o familiar se tornam mais evidentes.

Considerando que a imigração internacional implica no contato com novos elementos e em um estranhamento inicial, o imigrante internacional pode incorporá-los e/ou negá-los, mas, de toda forma, trata-se de um posicionamento individual baseado nos interesses, dificuldades e negociações. Assim, suas identidades são continuamente construídas e negociadas no país de destino de forma relacional e flexível, ou seja, depende das situações e contextos em que o sujeito se insere, por exemplo, no trabalho, na família, na escola/faculdade, e nos eventos sociais formais e informais dos quais ele participa e com quem ele se relaciona.

Este processo, também considerado como um ritual de passagem, faz parte da dinâmica de adaptação e integração ao novo país. Quando os migrantes retornam, essa “nova” identidade, que nada mais é do que uma reconstrução que pode

ou não mesclar elementos anteriores à imigração com aqueles advindos dela, novamente é negociada no Brasil, que pode se apresentar como completamente novo e desconhecido devido ao tempo passado distante daquela realidade que um dia fora familiar. Vejamos:

Assim, acho que no início quando eu cheguei aqui eu falei: olha, eu vou me adaptar, vai ser tranquilo... não foi tão tranquilo, levei tempo para me adaptar ao próprio país. É um choque mesmo. A gente traz coisas, características e hábitos que vem de outro lugar. [...] inclusive na família mesmo os familiares acham estranho, porque a gente volta com hábitos e características que você pegou de lá e você carrega isso com você, faz parte de você agora... e são coisas, são hábitos que se eu trouxe comigo é porque eles são importantes pra mim, fazem parte da minha personalidade... então as pessoas falam: mas que estranho, porque que você está agindo assim? É porque eu fiquei 16 anos fora. (Carolina, retornada dos EUA)

Nesse convívio, nessa adaptação, você vai internalizando esse modo de ser, você vai obtendo um olhar crítico sobre isso, porque você tem um parâmetro, você tem uma vida diferente, onde você se formou, e aí você vê algo novo, você tem uma vida que você levou e uma vida que você tá levando agora, você consegue estabelecer uma diferenciação dos dois e começa a criticar um ou outro [...] Eu voltei, eu estava diferente, eu estava ainda meio num *Russian mode*, assim. Era mais ignorantão [...] falava tudo retrucando alto e me impondo. A gente tinha que se impor o tempo todo. Eu tive que ir adaptando e essa adaptação foi caso a caso. (Raul, retornado da Rússia)

As experiências de viver fora do país de origem agregam modos de vida, de pensar o mundo, novos aprendizados e relacionamentos, o que quer dizer que mesmo retornando ao Brasil é possível manter vínculos sociais por meio de contatos que foram estabelecidos, pela memória e por lembranças recorrentes, tanto positivas como negativas, do período da imigração. A título de exemplo temos esses três trechos extraídos das entrevistas:

Os chilenos são pessoas que... eles têm uma filosofia, uma mentalidade, valores muito bacana. Sabe? Eles tem um jeito de pensar, uma filosofia uma cosmovisão muito legal. Sabe? Muito simples, é autêntica, eles valorizam muito a autenticidade, foi muito legal mesmo. E ter conhecido outra cultura, eu já tinha tido contato com outras culturas, mas experiências no máximo de seis meses e ficar 5 anos, foram 4 e alguma coisa, quase 5. Ficar quase 5 anos num país vivendo como uma chilena, que às vezes até me confundiram com chileno, achavam que que eu era chilena, isso foi muito intenso, foi muito intenso pra mim. Eu acho que eu cresci muito, porque eu comecei a ver que tem outra forma de pensar, outra forma de viver, outra forma de fazer as coisas, então isso é muito legal. (Jéssica, retornada do Chile)

Para Jéssica, o tempo de permanência foi determinante para agregar valores, formas de analisar a vida e o mundo e para inclusive ser confundida com chilenos, tamanha foi sua identificação com o país, tendo incorporado o modo de vida chileno.

Se eu voltasse [à Holanda] acho que de cara eu teria no mínimo quatro casas pra trabalhar. Essas são pessoas que, por exemplo, quando eu fui de férias, mais de... acho que 7 patrões abriram a casa pra eu tomar chá com eles. Olha, estou de férias na Holanda, não... quero te ver, quero saber de você, vem na minha casa me ver... Teve um que fez um jantar brasileiro pra mim. Você tem noção do que que é um holandês fazer um jantar pra você? (Elaine, retornada da Holanda)

Vale esclarecer que a principal ocupação de Elaine era como diarista em atividades de faxina residencial. Com os patrões ela mantém contato ainda que morando no Brasil.

Eu me considero, muito grata, eu tenho muita gratidão por essa experiência fora e porque ela me proporcionou momentos ímpares e uma continuidade com a própria língua, com a própria identificação que eu tenho. Eu brinco muito, será que numa outra vida eu não andei por lá? Porque eu era tão feliz... enquanto eu estive lá eu fui muito feliz. (Amanda, retornada dos EUA)

A lembrança relatada por Amanda está relacionada ao sentimento de gratidão, aprendizado do idioma e felicidade proporcionada pela sua trajetória, fatores importantes para manter vivas as experiências individuais passadas.

Vivendo em territórios diferentes, é recorrente a comparação entre um e outro país. Nas falas de nossos interlocutores, percebemos nostalgia, o que indica também, em alguns casos, o desejo de reemigrar. Por terem um parâmetro de comparação, foi comum a realização de críticas sobre alguns aspectos culturais do Brasil:

A cultura do país [...] é das pessoas furarem fila, é das pessoas darem o jeitinho brasileiro, é das pessoas pararem com pisque-alerta ligado rapidinho [...] eu só vou desembarcar um negócio aqui. Mas é a nossa cultura, né. Então, basicamente, quando eu retornei eu senti muita saudade da Holanda, eu sinto muita saudade da Holanda, morro de paixão por aquele lugar [...] Eu considero a possibilidade de de repente retornar. Eu não sei que as condições seriam essas, mas eu tenho esse desejo. (Elaine, retornada da Holanda)

Até hoje eu sofro, sabe. Eu voltei em janeiro de 2007, já vai pra quase dez anos e eu tenho que ficar me controlando, porque às vezes me irrita assim [...] depois eu viajei um bocado pra outros lugares e eu acho que eu me disciplinei muito assim lá fora. Não tô falando que eu sou 100%, porque também cometo cá meus erros, mas com a questão cultural aqui eu acho que é muito difícil. Nós somos muito egoístas, no trânsito é terrível, e a questão da segurança, da educação das pessoas. Eu acho que de ver tanto problema aqui, eu acho que isso aqui foi mais difícil assim [...] Às vezes eu tenho vontade de sair de novo, porque eu vejo alguma coisa, a gente fica puto e fala que tem vontade de sair, que não vai mudar nada, fica esse sentimento meio de revolta. (Caio, retornado do Canadá)

Nos dois relatos é notório o passado glorioso vivenciado em países diferentes do Brasil, tanto no que se refere aos traços culturais, organização social, elementos de mobilidade, educação e sentido atribuído. No transcurso de experiências, as comparações podem servir tanto para a valorização de determinados

estilos de viver como para marcar e reforçar a identidade brasileira. Vejamos os excertos das narrativas:

As pessoas não tem amizade uma com a outra, as pessoas não tem aquele negócio de chegar, cumprimentar, abraçar, isso é coisa de brasileiro mesmo, eles não tem esse negócio de ficar um na casa do outro, de fazer festa igual aqui. Lá é muito assim, cada um vive a sua vida e pronto. [...] As pessoas lá, pelo menos na ilha [Menorca], não tem higiene, elas não tomam banho, elas não escovam os dentes, são fedorentos mesmo, muito fedidos mesmo. Eles não tem assepsia nenhuma. (Larissa, retornada da Espanha)

A gente tinha os problemas de adaptação, da forma como o russo agia, a forma como ele é, muito impessoal, por exemplo, se você pede uma ajuda na rua o cara simplesmente fala não sei e sai andando. Então não é habitual essa cordialidade. Essa coisa de ser mais cordial, de ter mais atenção, de ver a dificuldade do outro e tentar entender, não. A dificuldade do outro é entendida como certa fraqueza então eles não deixam transparecer qualquer tipo de fraqueza, qualquer tipo de vulnerabilidade. (Raul, retornado da Rússia)

Nesses casos, os costumes relacionados à limpeza, a cordialidade, atenção e exposição foram realçados como elementos positivos e importantes marcadores da identidade nacional.

A experiência de sair do Brasil, e certamente de outros países, possibilita o aprendizado e o traquejo e, com efeito, a facilidade para outros deslocamentos espaciais, ou ainda um sentimento de desenraizamento territorial e social em relação ao país de origem:

E quem sai a primeira vez não tem dificuldade pra sair de lugar nenhum mais. Aprendeu uma língua, você tem capacidade de aprender várias outras. Você saiu do seu país, sai do seu mundinho, saiu do seu mundinho acabou. Ganhou o mundo. E eu nunca tive medo sabe, de arriscar, de avançar, de conhecer, de começar do zero... quantas vezes eu precisei começar do novo?! Então eu não tenho esse medo. (Elaine, retornada da Holanda)

Nas narrativas, um fator importante no processo de migração está relacionado ao trabalho, tanto como motivador para o deslocamento e para a permanência no país, como para o retorno ao Brasil. Segundo informaram, muitos deles ao voltarem não sabiam sobre oportunidades de trabalho nem como seria a reinserção no mercado. Todavia, mesmo com as dificuldades enfrentadas na readaptação, conseguiram tirar proveito da experiência internacional que tiveram para retomar ou redefinir suas carreiras profissionais.

Há casos em que a mudança de país envolve o aprendizado ou aprimoramento de outro idioma e que no retorno se converte em uma ferramenta estratégica, um benefício ou vantagem no processo de readaptação dos migrantes e reinserção na própria sociedade e que os diferencia de outras pessoas que não tiveram o privilégio de vivenciar esse percurso.

Eu comecei a trabalhar na área de comércio exterior, sem ter me formado nisso, justamente pela comunicação [...]. Eu conhecia um cara em uma empresa e eles precisavam de alguém com a comunicação fluente [...] e esse tempo de experiência lá [no Canadá] foi muito bom pra mim. [...] O idioma me ajudou muito,

isso que eu queria muito trazer, porque aí teve esse trabalho. [...] O que me ajudou foi o lance desse trabalho [...] assim que ele me chamou, a gente começou a conversar e tal e isso começou a me ocupar. Aí já comecei a ver um futuro aí, de voltar a estudar, trabalhar com ele, e já me deu uma segurança. Mas foi uma sorte, porque eu conhecia ele... se não, eu não sei. Essa oportunidade que me ajudou... o que eu poderia agregar pra ele, essa vivência fora, com outra cultura e a questão da língua. (Caio, retornado do Canadá)

Voltei pro Brasil pra estudar, pra tentar uma sorte aqui. E na verdade quando eu voltei pro Brasil o Brasil estava numa situação econômica até razoavelmente boa, em 2010. Eu tinha muitas coisas favoráveis com relação a mim, porque eu falava inglês, eu falava espanhol e tava na ponta da língua, porque eu tinha muitos amigos mexicanos e peruanos. Eu estava fazendo a graduação, então eu tinha muitos pontos a meu favor. Eu era jovem, né. Eu era mais jovem, livre, desimpedida, solteira, então foi quando eu tive essa oportunidade de me tornar professora de inglês, fiz as provas, passei e aqui fiquei. (Elaine, retornada da Holanda)

Mas aqui, enquanto eu tenho a língua pra usar com os meus alunos e pra estudar eu me sinto também em interação com essa outra identidade. Eu não saberia ser diferente. Eu acho que se eu não tivesse trabalhando com o inglês, todos os dias como eu trabalho, eu não sei se a minha adaptação não teria sido tão mais fácil não. O inglês me torna muito mais feliz. (Amanda, retornada dos Estados Unidos)

Nos excertos das três entrevistas está claro que o aprendizado do idioma, adicionado à experiência internacional, proporcionou uma condição de flexibilidade e de regalia no mundo do trabalho. É evidente que essa não foi uma conquista imediata, e sim resultado de um processo (que para alguns durou meses e para outros anos) de reflexões e dificuldades que os levaram a seguir determinado caminho se preparando para tal e colocando em destaque vantagens que facilitam a negociação identitária.

Eu já cheguei pensando “vou arrumar um cargo e vou ganhar muito”. [...] Eu não consegui entrevista nenhuma no nível que eu queria. Mas claro, eu não tinha nem faculdade. Aí consegui dar aulas de idiomas nos cursinhos aqui do bairro [...] E aí depois eu tirei o certificado de proficiência de idioma e comecei a dar aulas em colégios. E dar aulas em colégios me deu uma guinada, porque eu consegui ter um salário relativamente bom, fora os benefícios de professor da rede particular, tinha bolsa na faculdade. Ficava mais barato. (Raul, retornado da Rússia)

O fato de pactuar identidades envolve vários elementos que conforme Sasaki (1999, p. 267) “são acionados de acordo com as situações vivenciadas ao longo da própria experiência migratória e conforme a dependência do ‘outro’: com quem ele está se relacionando e em quais circunstâncias”. Assim, a identidade que ora discutimos é resultado de situações diversas, de relações sociais variadas e de contextos em que os atores estão inseridos e que incide nos modos de pensar de uma pessoa, de grupo social e de uma sociedade.

Por fim, entre os fatores envolvidos na situação de mobilidade entre países dos atores da pesquisa, foi capturada de forma relevante nas narrativas a questão

financeira, que acaba por exigir autoconhecimento e plasticidade nos projetos de vida. Muitos deles, por uma situação de indocumentação, de falta de formação ou especialização profissional, têm de admitir determinadas atividades laborais em condições precárias ou subempregos, por exemplo, o trabalho de faxina, construção civil e em restaurantes.

Em muitos casos, os trabalhos oferecidos e/ou permitidos aos imigrantes são menos valorizados do que aqueles que tinham no Brasil. Embora inicialmente o rebaixamento do status trabalhista possa ter um sentido pejorativo, diante das dificuldades e impasses para a inserção no mercado, ele passa a ser aceito ou reconhecido pelo imigrante e, em muitos casos, não o leva a se sentir diminuído. Ainda, o imigrante faz uma crítica sobre a relação estabelecida entre ocupações e status social, o que é comum na cultura brasileira. Esse novo modo de pensar é então um elemento identitário que foi incorporado pelos migrantes que retornaram. Vejamos trechos das entrevistas:

É uma coisa que eu guardei, que eu aprendi l: não importa o que que você faz, seja qual for seu trabalho, você não é discriminado por isso. Essa questão de *status* é uma proporção muito, muito menor do que aqui... isso foi um dos fatos que eu acho que me incomodou mais assim e me incomoda até hoje. Essa questão do trabalho, o que que você faz, e as pessoas ficam te olhando, se você tem um carro... a gente é mais cobrado aqui, então lá eu acho que as pessoas convivem bem melhor assim. Eu acho que nos países assim de primeiro mundo não existe muito isso...eu trabalhava na construção e eu me envolvi com uma mulher que trabalhava com moda [...]. (Caio, retornado do Canadá)

Essa experiência serviu pra gente ver o quanto é digno todo tipo de trabalho e principalmente a gente percebe que brasileiro reclama demais e faz de menos. A mentalidade que eu tenho de mundo eu devo a essa experiência. O valor que eu dou às pessoas, às situações, ao trabalho, a dignidade no trabalho. Eu nunca me senti diminuída por eu estar ali fazendo um trabalho de faxina, passando roupa, não eu nunca me senti diminuída. Em momento algum. Em nenhuma das casas. A gente é muito batalhador, mas lá fora. Porque vai mandar essas pessoas que tem um cargo bom aqui fazer faxina pra ganhar a mesma coisa? (Elaine, retornada da Holanda)

De toda forma, ainda que essa nova forma de percepção do trabalho possa contribuir para mudanças em modos de pensar sobre a questão e diminuir diferenças sociais, foi notável o desejo e interesse por cursos de qualificação que pudessem lhes oferecer mais oportunidades de trabalho e ascensão profissional, que afinal de contas foi o motivador essencial para a decisão de emigrar. Todavia, a experiência no mercado de trabalho para imigrantes com baixa qualificação e/ou ilegais e o contato com pessoas em situação semelhante despertou nos migrantes essa nova consciência e a negação de conferir a uma pessoa um determinado status social em decorrência do trabalho que por ela é exercido.

Considerações finais

O retorno ao Brasil foi uma fase conturbada para todos que integram o universo aqui analisado. Marcado por períodos de reflexão e introspecção, voltar ao

país de origem foi um processo de descobertas, principalmente a partir da redefinição de objetivos de vida, sejam eles pessoais ou profissionais.

Observamos a grande presença de referências e lembranças do país de destino em seu novo cotidiano no Brasil, caracterizando um posicionamento do sujeito entre dois países, duas sociedades, dois mundos distintos. Essa questão muitas vezes não é compreendida por pessoas próximas como família e amigos do migrante que não tiveram experiência similar de viver no exterior. Por outro lado, a presença da família durante o processo de retorno é importante no sentido de oferecer amparo e apoio especialmente emocional ao migrante.

A partir dessa posição ambígua, da ausência de um sentimento de pertencimento concreto e das novas experiências e situações no Brasil após o retorno, suas identidades estão em constante construção e negociação. Observamos que tais processos identitários se converteram em uma estratégia de readaptação à terra natal. Esta foi baseada principalmente na relevância do capital humano e social construído no exterior e que contribuiu para a reinserção, principalmente laboral, desses sujeitos.

Não obstante, no aspecto pessoal, esses indivíduos muitas vezes apresentam-se repartidos, entre o Brasil e o país onde viveram, justamente em decorrência dessa identidade flexível e de conhecerem outra realidade possível, o que pode levar a uma eventual circularidade em suas trajetórias migratórias futuras.

Referências bibliográficas

- Almeida, G.M.R, Baeninger, R. (2013). Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In R. Baeninger (Org.), *Migração Internacional* (pp. 23-34). Campinas: Núcleo de Estudos da População – NEPO/Unicamp.
- Botea, T. Cavalcanti, L. Oliveira, A.T. (2015) (Orgs.). *Migrações Internacionais de Retorno no Brasil*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego. Recuperado de <http://acesso.mte.gov.br/obmigra/migracao-de-retorno/>.
- Castles, S. (2000) International Migration at the beginning of the twenty-first century: Global Trends and Issues. *International Social Science Journal*, 52(165), 269-281. Recuperado de <http://online-library.wiley.com/doi/10.1111/issj.2000.52.issue-165/issuetoc>. doi: 10.1111/1468-2451.00258
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Durand, J. (2006). Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, 14 (26/27), 167-189. Recuperado de <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/40>.
- Gmelch, G. (1980) Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, 9, 135-159. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/2155732>.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade* (10ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico 2010. Nupcialidade, fecundidade e migração: resultados da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE Recuperado de http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico 2010. Questionário da Amostra CD 2010*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de http://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario_amostra_cd2010.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo Demográfico 2010. Características da População e dos Domicílios. Resultados do Universo*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-do-ibge/censo-demografico-ibge-2010.pdf/view>.

- Oliveira, A. T. (2013). Um panorama da migração internacional a partir do censo demográfico de 2010. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, 21(40), 195-210. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100012.
- Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura (2016). *Migrant/ Migration*. Recuperado de www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/international-migration/glossary/migrant/.
- Organização Internacional para as migrações. (2011) *Glossary on Migration* (2ª ed.). Genebra: OIM.
- Patarra, N. L. (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em perspectiva*, 19 (3), 23-33. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n3/v19n3a02.pdf>.
- Santos, M. O. (2010). A noção de identidade e seus usos nos estudos migratórios. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, 18(34), 27-43. Recuperado de <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/207/190>
- Sasaki, E.M. (1999). Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In R. R. Reis & T. Sales (Orgs.), *Cenas do Brasil Migrante* (pp. 243-274). São Paulo: Boitempo.
- Sassen, S. (2010). A criação de migrações internacionais. *Sociologia da Globalização*. (pp. 113-138). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Sayad, A. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Tradução de C. Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Sayad, A. (2000). O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia. Revista do migrante*. São Paulo. Número especial.
- Silva, T. T. S. (2014). A produção social da identidade e da diferença. In T.T. da Silva (Org.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. (15ª ed.). (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T.T. da Silva (Org.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (15ª ed.). (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.

Resumo

O último Censo Demográfico Brasileiro (IBGE, 2010) constatou a entrada significativa de imigrantes internacionais no Brasil, porém o fluxo de pessoas para o país não é composto apenas por estrangeiros, mas também por brasileiros que retornaram após terem vivido no exterior. Tal fenômeno é denominado migração internacional de retorno.

O retorno equivale-se à primeira emigração, pois envolve, além da tomada de decisão para retornar e a interrupção dos laços de convivência diária no país de destino, alterações nas identidades, modos de vida e sistemas de significados. O migrante de retorno, mesmo que regresse ao país de origem, no caso desse artigo o Brasil, depara-se com possíveis transformações nos espaços sociais e físicos, assim como prováveis mudanças nas trajetórias dos personagens que anteriormente compunham o seu universo. Portanto, lida com o familiar estranho e com o estranho familiar.

A questão do retorno é enigmática e de difícil compreensão, já que questiona o caráter unidimensional e definitivo das migrações (Durand, 2006), justificando o seu estabelecimento como objeto de estudo, principalmente no campo das ciências sociais. Botega, Cavalcanti & Oliveira (2015) destacam a relevância em considerar o retorno nas políticas migratórias, já que ele se constitui em uma "nova migração para um local ainda mais desconhecido" (p.39). Regressar ao país de origem implica fatores que devem ser considerados como trabalho, família, finanças, entre outros, o que requer necessariamente novas adaptações, negociações de identidades e conciliações com o grupo local.

Nossa proposta neste artigo é discutir a construção e negociação de identidade de migrantes brasileiros que retornam ao território nacional. Trata-se de parte de uma pesquisa qualitativa em desenvolvimento (dissertação de mestrado) a ser concluída em fevereiro/2017. Foram utilizadas análise documental e entrevistas em profundidade com retornados de diferentes países para o Brasil.

Abstract

The latest Brazilian demographic census (IBGE, 2010) showed a significant arrival of international immigrants in Brazil. However, this flow of people to the country is composed not only by foreigners but also by Brazilians returning from abroad. Such phenomenon is called international return migration.

The return is equivalent to the first emigration, once it involves – besides the decision taking and the disruption of daily life bonds in the country of destiny – changes in identities, ways of life and meaning systems. The returnees, even when going back to their origin country, in this case, Brazil, encounter alterations in the social and physical spaces as well as changes in the characters' trajectories, which once were part of their universe. Thus, they deal with the familiar stranger and the stranger familiar.

The matter of return is enigmatic and of hard comprehension, since it questions the unidimensional and definite nature of migrations (Durand, 2006), justifying its establishment as an object of study mainly in the social science field. Botega, Cavalcanti & Oliveira (2015) highlight the importance of considering the return in migratory policies as it consists in a “new migration to an even more unknown place” (p.39). Returning to the homeland implies factors that have to be considered such as work, family, finances, which necessarily require new adjustments, identities negotiation and conciliations with the local group.

Our proposal in this article is to discuss the construction and negotiation of identity of Brazilian migrants who return to national territory. This is part of a qualitative research under development (master's dissertation) to be concluded in February 2017. It was used documental analysis and in-depth interviews with returnees from different countries to Brazil.